



Educação Física e crítica à fenomenologia: uma resenha

Jonatas Costa 
Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. jonatacosta@unb.br 

Bartolomeu L. Barros Júnior 
Instituto Federal de Educação do Sertão Pernambucano, Petrolina, Pernambuco, Brasil.
clarolhar@gmail.com 

Lucas Xavier Brito 
Universidade Federal de Tocantins, Cidade, Tocantins, Brasil. lukas_xavier@uft.edu.br 

Edson Marcelo Hungaro 
Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. mhungaro@unb.br 

10.31668/praxia.v7i0.16520 

Introdução

O propósito deste texto é apresentar ao leitor interessado em educação física, sobretudo em sua dimensão epistemológica, um livro que aborda a Fenomenologia. Trata-se de uma obra exitosa em identificar e criticar os aspectos fulcrais desta corrente epistemológica das ciências humanas e sociais. A crítica recai naquilo que Severino (1997) identificou ao observar que a pesquisa fenomenológica não se configura nem como dedutiva e nem tampouco indutiva, mas como intuitiva. Os problemas de natureza científica que afetam tal perspectiva em face desta caracterização são esclarecidos em pormenores por Ranieri Carli, autor de “Fenomenologia e Questão Social: limites de uma filosofia”, trabalho que aqui pretendemos resenhar.

Outrora já apresentado por nós (Costa; Nunes; Hungaro, 2022), Ranieri consegue simplificar o que aparentemente é complicado. A fenomenologia talvez esteja cheia de tais armadilhas: precisa ser complicada a fim de ser ininteligível; ou basta ser inteligível para quem se sujeita as suas ilações; ou ainda, para aqueles que convém as suas conclusões. Entretanto, os próceres da fenomenologia não conseguiram driblar a verve de Ranieri que, de forma extremamente didática, tornou evidente as contradições presentes na filosofia fenomenológica na qual ferinamente caracterizou como “um instante do idealismo subjetivo, característico do período de decadência ideológicaⁱⁱⁱ da burguesia” (Carli, 2013, p. 47). Pois quando a fenomenologia surge como crítica ao positivismo e ao empirismo, apressa-se por se apresentar como uma justificação teórica do existente, em que a classe conservadora



“estreita cada vez mais a margem para uma apreensão objetiva e global da realidade” (Coutinho, 2010, p. 22). Tal movimento se orienta não só pela evasão da realidade, pela liquidação da dialética e pelo desprezo dos fatos históricos, mas também segue em direção à mistificação (Lukács, 2010).

Influenciado por Lukács, Ranieri inscreve passagens originais de Edmund Husserl, precursor da fenomenologia. Porém, se este é o autor a ser enfrentado, soma-se com destaque o pensamento de Heidegger, Scheler, Sartre entre outros, que são descortinados e declarados como parte de uma filosofia irracionalista, pois o existencialismo é uma “corrente filosófica legatária do método fenomenológico” (Carli, 2013, p. 20).

Ranieri organizou o livro em quatro capítulos. No primeiro, defende que “o ponto de partida da fenomenologia é a vivência cotidiana, a experiência diária do homem comum” (Carli, 2013, p. 23). Husserl chamou de “atitude natural” diante do mundo, onde o mundo é o “universo da realidade em geral”. Ranieri explica que, para este método, bastaria que o leitor olhasse ao redor para perceber as coisas de seu mundo, de sua vivência cotidiana. O problema dessa tese é sua concepção epistemológica anti-histórica da cotidianidade. Ora, tomar a empiria imediata como ponto de partida da pesquisa científica não é um problema, mas o “caráter coisificado dado à vida cotidiana” (Carli, 2013, p. 26) em Husserl é. O contraponto é dado por Marx, no qual as coisas do cotidiano são criações humanas e, portanto, passíveis de serem transformadas. Ademais, pouco compreensíveis em sua imediatez já que o caráter do cotidiano se expressa e está condicionado a uma historicidade.

O capítulo 2 compreende a expressão mais cara deste método e que opera a partir do conceito de “redução fenomenológica” sobre o objeto. A tese é a da crítica ao caráter subjetivista do método. Para a fenomenologia o que importa é o modo pelo qual o pesquisador apreende o objeto fenomênico ou como prefere Ranieri, o “[...] modo pelo qual a subjetividade o registra em sua consciência” (Carli, 2013, p. 41). Para Ranieri, em se confrontando com o positivismo, Husserl nos lega verdadeiros “becos sem saídas”. A alternativa ao empiricismo positivista seria o de se ater “[...] ao ato doador da consciência, aquilo que as subjetividades elegem como essencial em meio aos fatos do mundo, ao sentido doado pela consciência à realidade circundante” (Husserl, 2006 *apud* Carli, 2013, p. 42). Comentando a ideia de Husserl sobre a qual haveria um abismo de sentido entre a consciência e a realidade, dirá o nosso autor: “Entre os dois flancos desse abismo, entre consciência e realidade, Husserl agarra-se à consciência em prejuízo à realidade.” (Carli, 2013, p. 43). Além de Husserl, os limites de outros fenomenólogos comparecem neste capítulo.

O terceiro capítulo aborda a tese de que a fenomenologia desemboca numa espécie de solipsismoⁱⁱⁱ e sobre isso Ranieri é ainda mais ousado. Ora, o solipsismo se assume a partir de um princípio relativista, pois “é o sujeito quem dirá o que é essencial para si mesmo”. Para Ranieri, em Husserl há a tentativa de apagar a existência da própria realidade, o que definitivamente o caracteriza como um solipsista. Tomado pelas concepções irracionistas de Berkeley^{iv}, Husserl sustenta que “nenhuma prova imaginável tirada da consideração empírica do mundo nos certifica, com segurança absoluta, da existência do mundo” (Husserl, 2006 *apud* Carli, 2013, p. 73). Só é possível afirmar isso na lógica de uma filosofia solipsista. Husserl não para de ver ideias e de sustentá-las na elaboração de sua epistemologia. Ao constatar isso, Ranieri provoca: o “pai da fenomenologia terá que renegá-las inevitavelmente ao atravessar a rua, ainda que esteja convencido de que lida com ideias de automóveis” (Carli, 2013, p. 73). Ademais, este capítulo destaca aspectos do método fenomenológico que guardam relação com a questão da linguagem, da descrição e da intuição – conjunto de categorias metodológicas obrigatórias à fenomenologia.

O último capítulo faz mediação com a área do Serviço Social. Em princípio, pode o leitor interessado em educação física pensar em se abster desta parte da obra. Contudo, de certa forma ela nos ajuda inclusive a realizar a mediação com a própria educação física. Ranieri segue as pistas de José Paulo Netto^v na busca por concluir o livro. É dele a compreensão de que a recepção da fenomenologia no Serviço Social deu suporte teórico para uma orientação conservadora da área. Logo, Ranieri discutirá as implicações à formação e atuação do assistente social segundo uma abordagem fenomenológica. Nesta direção, vale destacar – sobretudo no que diz respeito ao nosso interesse imediato à obra – um dos elementos caracterizadores sobre a apropriação da fenomenologia por parte do serviço social. Para o nosso autor, a fenomenologia ganhou um estatuto no Serviço Social sem que os autores clássicos desta filosofia fossem lidos e incorporados em suas formulações originais. Quadro semelhante ao caso da educação física, cuja “presença da fenomenologia, dos anos 1980 até hoje, é sinônimo da obra de Merleau-Ponty”^{vi} – explicada por suas contribuições teóricas sobre o corpo. O fato é que os autores da educação física “que operam com fenomenologia pouco se interessaram por filósofos que, de distintas maneiras, estiveram vinculados a essa tradição” (Bracht; Quintão; Guidetti, 2013, p. 10).

Por fim, nos resta duas últimas breves anotações. A primeira é que em face dos limites do formato de uma resenha, pouco ilustramos aquilo que nos parece exemplar no livro de Ranieri: seu esforço em esgrimir com as fontes originais dos autores da fenomenologia. A força de sua crítica está na revelação das contradições a

partir dos textos fundamentais de quem se quis criticar. E segundo, que o livro é na verdade um grande “convite à polêmica”. Mas não se trata de uma “polêmica fácil”. Trata-se de um estudo teórico rigoroso, que não se esconde em “falsas neutralidades” e que, desde nossa compreensão, passa a compor um arsenal crítico na “batalha das ideias” do debate epistemológico. Algo que infelizmente, ao menos assim nos parece, é ainda incipiente na educação física.

Referências

- QUINTÃO, F.; BRACHT, V.; GUIDETTI, F. F. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n.2, p. 1-16, 2013.
- CARLI, R. **Fenomenologia e questão social: limites de uma filosofia**. Campinas: Papel Social, 2013.
- COSTA, J. M; NUNES, T. O. Q.; HUNGARO, E. M. A educação física e o método em Marx: uma resenha. **Motrivência**, Florianópolis, v. 4, n. 65, p. 1-9, 2022.
- COUTINHO, C. N. **Estruturalismo e a miséria da razão**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- JAPIASSÚ, H. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LUKÁCS, G. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SEVERINO, A. J. **A filosofia contemporânea no Brasil: conhecimento, política e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido em: 10/03/2025

Aprovado em: 31/03/2025

Publicado em: 22/05/2025

ⁱ “Fenomenologia e questão social: limites de uma filosofia” foi publicado pela editora Papel Social. Integra a coleção Didática do Serviço Social que une uma linguagem acessível ao rigor teórico. Apresenta conteúdo interdisciplinar, permitindo o interesse de áreas correlatas às Ciências Sociais.

ⁱⁱ A decadência ideológica, vista por Lukács e originária dos estudos de Marx e Engels, é a expressão do movimento teórico burguês que, após as revoluções de 1848, apresentam conhecimentos que se distanciam da realidade social com a intenção de manter a ordem capitalista.

ⁱⁱⁱ Máxima do subjetivismo, o termo possui sentido negativo. Designa o isolamento da consciência individual em si mesma. É considerado como consequência do idealismo radical (Japiassú, 1996, p. 252).

^{iv} George Berkeley nasceu na Irlanda em 1685 e viveu por 68 anos. Seu princípio filosófico é sintetizado na expressão “ser, é ser percebido”: o ser das coisas consiste em ser percebido pelo sujeito pensante, logo, só a “ideia é real” (Japiassú, 1996, p. 29).

^v Professor emérito da UFRJ, é um dos principais expoentes do marxismo brasileiro na atualidade. Possui vasta obra acerca do Serviço Social, do pensamento de Lukács e de Marx.

^{vi} Merleau-Ponty comparece no livro, porém, sem o mesmo destaque de outros autores da tradição fenomenológica.